

Aidan Duffy

Through It All

Junho 19 – Julho 19, 2025

Receção de abertura: Quinta-Feira, Junho 19, 19-22h

Reorientação de *Kipple*

Escrito por Frank Wasser

Estou sentado à secretária há horas, supostamente a escrever este texto sobre as esculturas de Aidan Duffy, embora a maior parte do tempo tenha passado num torpor. Colei imagens do trabalho do Aidan na parede. Tomo notas, releio-as, olho para o teto. Distraído, fabrico pequenas ferramentas com os restos espalhados pelo estúdio—um lápis cravado numa borracha gasta transforma-se numa espécie de martelo, sem outra função que não seja simular a sensação de que algo está a ser feito. À minha volta: um acúmulo de cliques partidos, carregadores obsoletos, esferovite, aparas de lápis, parafusos estranhos sem sítio para onde ir. Parece o inventário deixado para trás de um dia de trabalho.

Talvez tenha sido isso que primeiro me sintonizou com o universo do Aidan: essa maneira como os fragmentos se expandem a partir das suas vidas passadas—ecos de antigas existências que insistem em interferir no presente.

O Aidan uma vez descreveu o seu encontro com o mundo como algo que acontece no *fim do desejo* — não no momento da aquisição, mas muito depois, quando os objetos começam a perder a função e se tornam resíduos. O seu processo de estúdio parte daquilo que é, ostensivamente, detrito: coisas já para lá da utilidade, mas ainda carregadas com o fantasma daquilo que um dia foram feitas para ser.

Eu assumi que por esta altura o mundo fosse maioritariamente composto de *kipple*—e de muitas formas, é. O acúmulo lento e persistente de embalagens descartadas, tecnologia estragada, roupa gasta, móveis inúteis, cabos emaranhados, recipientes rachados—nada disso desaparece; apenas se acumula. Em *Do Androids Dream of Electric Sheep?*, Philip K. Dick cunhou o termo *kipple* para descrever este transbordar incessante de coisas: “*Kipple* são objetos inúteis, como correio publicitário ou caixas de fósforos depois do uso do seu último fósforo, ou invólucros de pastilhas, ou o ontem... Quando ninguém está por perto, o *kipple* reproduz-se a si próprio. Todo o universo caminha para um estado final de *kippleization* total e absoluta” (Dick, 1968, p. 63). Para Dick, *kipple* não é apenas tralha—é uma condição material, uma maré entrópica onde a utilidade se dissolve em excesso.

As esculturas de Aidan Duffy habitam esta condição—não para negar ou romantizar desperdício, mas para explorar como o significado pode emergir de dentro deste movimento incessante de recusa e redundância.

O seu processo começa com uma espécie de curiosidade material: como duas coisas podem—ou não—funcionar juntas. Um pedaço de madeira de um armário, uma tigela metálica, uma haste roscada. As obras não são nem assemblagens de lixo nem tentativas de elevar o detrito à condição heroica. Operam num espaço intermédio, oferecendo um convite cuidadosamente articulado para que o espectador se reorienta. Os materiais retêm o fantasma da sua vida anterior, mas o contexto muda para abrir novas leituras. Como lembra Sara Ahmed, a orientação importa: “o que fazemos afeta o que percebemos,” e “o que percebemos afeta o que fazemos” (Ahmed, 2006, p. 31).

A escultura *City on My Back* torna isso claro. Inclui tigelas que não foram moldadas, voltadas para dentro em vez de para fora, negando as conotações usuais de oferta ou receção. Lembro-me de mover a cabeça à volta da peça, tentando compreendê-la. Uma das tigelas é estofada com couro dos sapatos antigos do artista, cosida de novo como pele. Os fragmentos de madeira de armário mantêm-se legíveis, mas funcionalmente desancorados—costurados numa lógica de remendo. Nada é apagado, mas tudo é rearranjado. Até os blocos fundidos, semelhantes a cimento, carregam um índice de ausência—formados a partir de interiores, de espaços negativos que antes permitiam movimento, agora solidificados, depois partidos de novo à mão. O martelo volta.

New Faces incorpora um corredor de talheres submerso em jesmonite pigmentado. Hastes roscadas estendem-se verticalmente através da forma como antenas ou pinos de aterramento, enquanto Xs dourados pendem ou caem—incertos na sua carga simbólica, mas certos na sua sedução. Estas obras não falam de sistemas completos, mas de sistemas em falência—sistemas ainda em tentativa. Os objetos não são reconstituídos em totalidade, mas mantidos numa espécie de suspensão. Uma peça menor contém um chopstick, um espinho de porco-espinho, uma flor em vidro pintado parcialmente obscurecida por um dossier de plástico: materiais apanhados em movimento—entre o natural e o sintético, entre a visibilidade e o encobrimento, entre protagonista e caos.

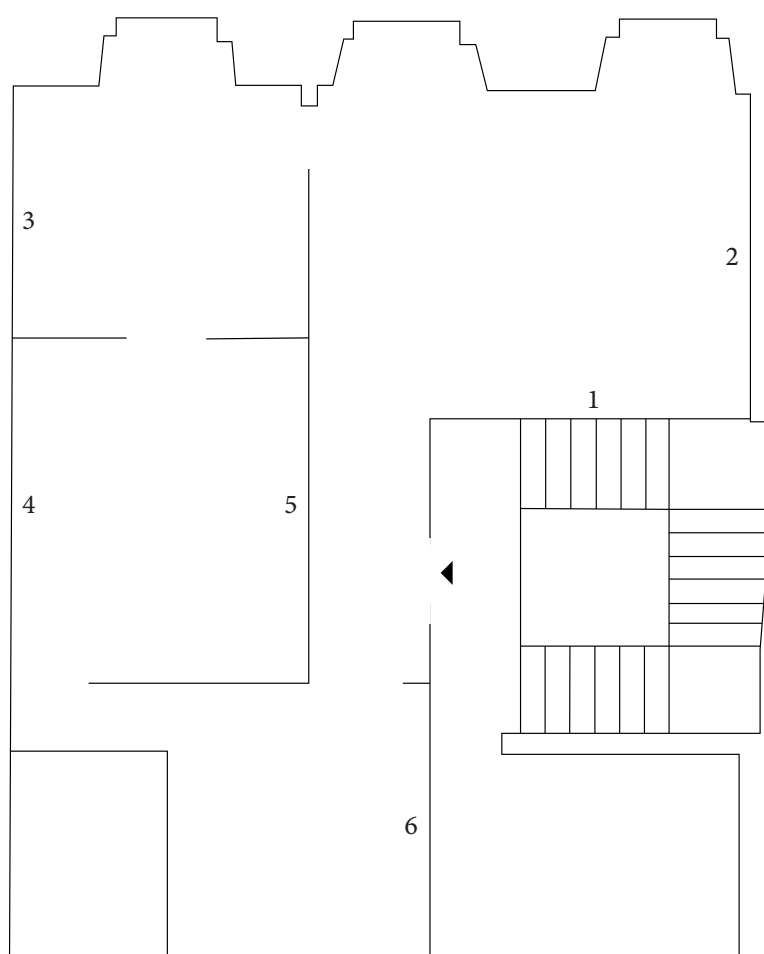
As obras com azulejos moldados a partir de garrafeiras desmontadas aprofundam esta estratégia material. *Midnight Problems* está estratificada como um local de obras: hastes metálicas, fragmentos têxteis e uma cortina de folhas de madeira que evoca tanto interiores boémios como a intimidade velada de um confessional. Um colete de algodão, desmontado e cosido de novo, é amarrado à superfície, transformando roupa em estrutura. Noutra peça, os azulejos de jesmonite são cobertos por um acabamento metálico azul-esverdeado brilhante, resistindo a qualquer dicotomia simplista entre o gasto e o novo. Aqui, Duffy aponta para a temporalidade como uma forma de sedimentação—não apenas envelhecimento, mas estratificação: de cronologias, de energias, e de valores tanto espirituais como elétricos. Pedras Pi enfiadas em arame referenciam fluxos energéticos, da rede elétrica ao circuito metafísico, dobrando sistemas simbólicos uns sobre os outros—de que ritual emergem estes objetos?

Branches on Branches reúne copos de papel em forma de cone, moldados em jesmonite, e organiza-os em estrela, depois parcialmente oculta-os com tecido rasgado de um casaco, com as bordas seladas com tinta acrílica de um *craft kit* para crianças. Uma cosmologia montada a partir de coisas já não desejadas, sustentada por gestos leves.

A prática de Aidan não é uma reciclagem de materiais num sentido convencional, mas sim uma exploração dos psicodramas que inscrevemos neles—e das arquiteturas frágeis que se formam quando esses dramas se acumulam. Estas obras resistem a uma leitura clara, tanto quanto a convidam. Não são narrativas no sentido convencional de contar histórias, mas narrativas como uma força de retenção—algo provisório, momentâneo e politicamente indogmático.

Ahmed, S. (2006) *Queer Phenomenology: Orientations, Objects, Others*. Durham: Duke University Press.

Dick, P. K. (1968) *Do Androids Dream of Electric Sheep?* New York: Doubleday, visibility and concealment, protagonist and chaos.



1.
Aidan Duffy
New Faces, 2025
Sculpture - Pigmented Jesmonite,
Pigmented Cement Fill, Metal
117 x 32 x 15 cm (46 x 12 1/2 x 6 in)
2.
Aidan Duffy
Drama, 2025
Sculpture - Pigmented Jesmonite,
Textile, Found objects
43 x 51 x 23 cm (17 x 20 x 9 in)
3.
Aidan Duffy
Midnight Problems, 2025
Sculpture - Pigmented Jesmonite,
Graphite, Metal, Wood, Textile,
Paint
171 x 79 x 18 cm (67 1/2 x 31 x 7 in)
4.
Aidan Duffy
City on My Back, 2025
Sculpture - Pigmented Jesmonite,
Metal, Wood, Textile, Paint
46 x 33 x 23 cm (18 x 13 x 9 in)
5.
Aidan Duffy
Branches on Branches, 2025
Sculpture - Pigmented Jesmonite,
Pigmented Epoxy Resin, Metal,
Wood, Textile, Glass, Paint
42 x 79 x 37 cm (16 1/2 x 31 x 14 in)
6.
Aidan Duffy
Blue Skies, 2025
Sculpture - Pigmented Jesmonite,
Pigmented Epoxy Resin, Metal,
Paint, Textile, Electrical wire, Stone